

Franco Rella: a Psicanálise, a Modernidade e o Pensamento da Crise

Franco Rella: Psychoanalysis, Modernity, and the Thinking of Crisis

Patrícia Latosinski¹

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar e fazer conhecer o pensamento de Franco Rella – filósofo e crítico literário – que se especializou no estudo da modernidade e considera a Psicanálise como parte constitutiva da modernidade. Considerando a crise da razão clássica e a constituição da modernidade como pensamento da crise é que surge um saber crítico. Para Rella a obra freudiana é a que expressa de maneira mais profunda e com maior fundamento a idéia do novo saber crítico.

Palavras-chave: modernidade; razão clássica; saber crítico; psicanálise.

Abstract: The present paper aims to analyze and make known the thinking of Franco Rella, philosopher and literary critic, who specialized in the study of modernity and considers Psychoanalysis as a constitutive part of modernity. Critical knowledge springs from the crisis of classic reason and the constitution of modernity as the thinking of crisis. For Rella, the work of Freud is the one that most deeply expresses the idea of the new critical knowledge.

Keywords: modernity; classic reason; critical knowledge; psychoanalysis.

Motivada pela idéia de buscar a concepção e o olhar de autores não psicanalistas em relação à psicanálise, è que este trabalho procura apresentar um esboço do pensamento de Franco Rella. Este filósofo italiano – tão interessante e pouco conhecido no ‘meio psi’ – foi Professor de literatura no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, crítico literário e ensaísta, se especializou no estudo da modernidade. Sua obra se inscreve na corrente heterodoxa e renovadora do pensamento crítico, que emergiu no final dos anos 70, representada por Máximo Cacciari, Remo Bodei e o próprio Rella, entre outros. Nos anos 80 eles alcançaram grande reconhecimento e visibilidade, em parte, graças ao volume da coleção *A crise da razão* (Século XXI editores).

Como uma primeira aproximação ao trabalho de F. Rella, a sua originalidade, gostaria de destacar que a modernidade não é definida principalmente como um período histórico, mas sim como um modo de pensar. Outra qualidade singular é a enorme importância que outorga a Psicanálise, ao pensamento freudiano. Para este autor a psicanálise é parte constitutiva da modernidade, como emergência e desdobramento de uma nova perspectiva libertária, acerca

¹ Psicanalista. Endereço para contato: patricialatosinski@terra.com.br

do sujeito, da cultura e da história. (Estas são algumas das razões que me impulsionaram a querer comentar e aproximar este autor a outros, cujo olhar original e tão aberto à psicanálise, contrasta com grande parte dos discursos dominantes em nossa época).

A filosofia de Rella seguiu um caminho próprio. Na sua reflexão, se distancia da oposição ‘modernidade – pós-modernidade’, já que – entre outras coisas – o *pós-modernismo* na sua tentativa de aligeirar a experiência contemporânea ‘des-historizou’ o passado convertendo-o em um museu.

O pensamento da modernidade não é somente um pensamento do limite (ou fronteira), mas também do umbral. Por isso combina os saberes da literatura, da filosofia, da psicanálise. Rella teoriza sobre a ideia de um saber que permite pensar juntas as diferenças que o saber clássico ordena de modo hierárquico ou exclui de si como alteridade incompreensível. O saber que propõe, deve se diferenciar da dialética (hegeliana ou marxista), já que a dialética implica sempre uma ideia (e um ideal) de síntese. Deve se diferenciar também da tradição do pensamento místico, porque este novo saber não leva a coincidência, mas sim exalta as diferenças. O pensamento que propõe o autor quer atender à oscilação, à realidade do outro, à alteridade irreduzível que nos constitui, transitar sobre os discursos contraditórios, fazer pensável a complexidade do real, pensar a diferença sem destruir a diferença.

O moderno é uma categoria que se define por oposição ao clássico. No contexto da investigação de Rella o ‘tema’ (seu objeto de estudo) é a crise da razão clássica e a constituição da modernidade como pensamento da crise. Mas não no sentido limitado de constatação das causas e conseqüências sócio-históricas da crise da razão clássica, mas sim como emergência e elaboração de uma nova perspectiva, que faz da crise não somente seu tema, mas também uma nova matriz de pensamento em cujo centro está o conflito. Da crise da razão se faz surgir uma razão da crise: um pensamento crítico que renuncia as totalizadoras ilusões cartesianas, mas não a possibilidade da elucidação, da experiência e da criação de sentido. Nisso se arrisca também uma diferença decisiva com outra corrente moderna que diante da impossibilidade de responder ao desafio, de dar voz e forma à experiência moderna, reivindica como opção o silêncio: um silêncio de duelo interminável que encarnaram – sofreram e propiciaram – em seu momento, autores como Rilke, Wittgenstein ou Baudelaire e que se estendeu por longo tempo sobre a paisagem da cultura. Rella interpreta em algumas manifestações literárias e filosóficas (Nietzsche, Rilke, Kafka) uma espécie de “[...]”

fascinação aurática do silêncio e do nada que acompanha e se contrapõe aos primeiros, e fatigantes tentativas de atravessar a crise do saber clássico, e de construir um saber da crise, um saber que saiba dar razão da crise.” (RELLA, 1992, p. 15)

Por tudo isto, para Rella, o termo ‘modernidade’ é mais que uma categoria histórico-descritiva: se trata de uma categoria hermenêutica-interpretativa, portanto de uma forma de fazer pensável a experiência para dar o passo seguinte que é construir com os fragmentos constelações habitáveis, que permitam não resolver, mas regular o conflito e a contradição e que restituam a possibilidade da ação.

Dentro deste contexto o autor se refere a Freud, defendendo a ideia que talvez somente com sua obra se pode ir além da razão clássica, além do silêncio, além da tragédia e do luto. Somente com Freud se pode buscar um caminho em direção a uma nova relação representativa com a realidade e com o mundo. “A construção freudiana do conflito situa, definitivamente, fora de lugar todas as questões sobre a solução dos conflitos na idéia, na grande unidade clássica: porque esta nova lógica se demonstra produtiva, e suas razões cartesianamente mais fortes.” (RELLA, 1992, p. 64). Para Rella, Freud ao construir a lógica do inconsciente onde o sujeito se constitui no conflito entende que esta também construindo a lógica do conflito e destaca que tanto a psique, quanto a sociedade são um jogo de forças entre tendências opostas entre si. O sujeito freudiano está longe de ser um sujeito pleno. Está definido pela pluralidade e a contradição. É o sujeito do saber crítico que pode encontrar palavras em seu passado histórico, dentro do presente, se abrindo para o futuro. Este é, para Rella, o sujeito da modernidade.

Quando nosso autor afirma que a psicanálise é a construção da verdade histórica do passado dentro do presente, relaciona-o com a escritura proustiana: “É uma tarefa que reorganiza passado e presente para o futuro, é a construção de um espaço no qual o trabalho no ‘tempo perdido’ emerge uma nova representação do mundo, em mundo novo a se experimentar no interior de uma diversa temporalidade subjetiva e coletiva.” (RELLA, 1992, p. 78). Portanto para conseguir, diz Rella, todo este novo saber, considerando a lógica do inconsciente e do conflito, para gerar novas palavras e novas representações do mundo, deve-se considerar também os tempos de crise. É preciso enfrentar o tempo da precariedade, do desarraigamento, das fraturas, da transitoriedade.

No ensaio sobre *A Transitoriedade* de 1915, Freud descreve de modo brilhante e lúcido o que Rella quer mostrar como o processo de crise, onde mesmo com a guerra, a destruição, a perda, o desarraigamento é possível começar tudo outra vez e reconstruir desde a experiência vivida, o futuro. Na ideia da transitoriedade, onde o que se encontra em contínuo movimento é o saber da precariedade, o que se busca fundamentalmente é pensar o que historicamente não tinha sido pensado: a construção de mundo diferente, possibilidades de sentidos diferentes, transformar, de modo enfático, os limites da razão e das legitimidades que tal razão estabelece.

Rella propõe, em relação ao texto *Além do princípio do prazer* de Freud, uma espécie de analogia entre o ‘princípio do prazer’ com o que denomina ‘princípio do hábito’. Porque o princípio do prazer que deriva do princípio de constância seria para ele uma função do tempo linear, da razão clássica. E afirma que o ‘princípio de realidade’ é somente uma modificação do princípio do prazer, não se tratando de uma transformação radical. Para o autor são as experiências traumáticas as que podem mover além deste princípio, que cortam e põem em dúvida toda a certeza, que quebrantam a lei da constância e do hábito. As experiências traumáticas pertencem ao espanto no sinistro e isto é o que desarraiga do princípio de constância, da confiança na continuidade linear do tempo. O tempo do ‘*assim foi*’ no trabalho analítico é de fato despedaçado;

“[...] esta ruptura não é um fato tranqüilo, mas sim um trauma e um desarraigamento[...] Tarefa do analista, que não pode eliminar do paciente esta fase e esta experiência, é atuar de tal maneira que a repetição deste tempo perdido, estes fragmentos do passado, não se percam no presente... Tarefa do analista é, pois, não somente fazer reviver o tempo perdido, o passado, mas também construir este tempo como recordação [...]” (RELLA, 1992, p. 128)

Para Rella o tratamento, o processo analítico embora sem ser intencional trata-se de uma experiência traumática, posto que o trauma invade uma tampa protetora, colocando o analisando frente a outra dimensão do tempo. Os sonhos, embora com a intervenção da censura onírica, seria um exemplo, onde o retorno do reprimido aparece sem atender ao princípio do prazer, incluindo o que é desagradável, mas sim, com a possibilidade de elaboração dentro da análise.

É fundamental a ideia freudiana de pulsão de vida e pulsão de morte que coexistem em uma tensão recíproca, não passível de resolução e sim de equilíbrio. A articulação e o

reconhecimento da morte dentro da vida e de seus mais variados aspectos, para o autor é o reconhecimento de dois tempos que não somente são contraditórios, mas também que se compõem em busca de uma construção. “As duas temporalidades em conflito devem ser construídas em uma formação de compromisso, para que seu conflito não opere somente destrutivamente.” (RELLA, 1992, p. 132)

Compreender a precariedade, a transitoriedade, a debilidade de nossos equilíbrios psíquicos, culturais e sociais, e também compreender a morte, seria a verdadeira prevalência do saber crítico sobre a razão clássica, que prima pelos decretos do ‘hábito’, pelo tempo linear, inativo. O saber crítico se fundamenta sobre a análise, promovendo a ruptura do que é habitual e seguro. No trabalho analítico, analista e paciente se depararão com um vasto material fragmentado, composto por sonhos, recordações, afetos, dúvidas, conflitos, cabendo ao analista construir com o paciente, dentro de uma perspectiva histórica e aceitando a transitoriedade e a crise como algo novo.

Rella sustenta que no nosso século talvez seja o pensamento de Freud que mais tenha influenciado em todos os campos do saber e do conhecimento. Para ele a obra freudiana é a que expressa de maneira mais profunda e com maior fundamento a ideia do novo saber crítico e construtivo próprio da modernidade.

Referências

- FREUD, S. [1916; 1915]. **La transitoriedad**. A. E. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- GARGANI, Aldo et al. **Crisis de la razón**. México: Siglo XXI, 1983.
- RELLA, F. **Desde el exilio: la creación artística como testimonio**. Buenos Aires: La Cebra, 2010.
- _____. **El silencio y las palabras: el pensamiento en tiempo de crisis**. Buenos Aires: Paidós, 1992.